

Diferenciação espacial e competitividade turística no Pólo Costa das Dunas/RN¹

Rosana Mara Mazaro²
Maria Aparecida Pontes da Fonseca³

Resumo: O extraordinário crescimento do fluxo turístico na última década desencadeou grande competitividade entre as destinações, que passaram a preocupar-se com a estruturação de uma oferta mais adequada aos novos padrões de qualificação, provocando dessa forma transformações no espaço. Os esforços de diferenciação buscam ressaltar o diferente, o exótico, as especificidades locais e a qualidade ambiental, uma vez que o espaço constitui o fundamento do produto e do consumo turístico no destino. O trabalho apresenta uma análise da diferenciação espacial com em critérios de competitividade turística entre os municípios do Pólo Costa das Dunas, localizado no Nordeste brasileiro, utilizando para isto da aplicação do *Competenible Model*, que considera o processo de gestão e organização dos destinos turísticos sob três dimensões: de desenvolvimento, de competitividade e de sustentabilidade. Constitui-se em estudo comparativo de casos, explorando dados preliminares levantados em pesquisa referente aos dois principais municípios turísticos que compõem o Pólo. Os atributos avaliados revelam as reais condições institucionais de preparação do destino em definir o futuro turístico desejado, sua capacidade de organizar-se estrategicamente para conquistá-lo e os resultados e impactos registrados em decorrência do desenvolvimento do turismo. Uma análise previa permite inferir que estes destinos apresentam significativa evolução em indicadores de fluxos turísticos e volume de negócios, porém, estão ainda muito aquém das condições ideais indicadas pelos modelos referenciais que sugerem condições competitivas duradouras e em atenção aos critérios sustentáveis no desenvolvimento de destinos turísticos. Apesar das dificuldades apresentadas nestas destinações o acirramento da competitividade turística entre as mesmas tem desencadeado uma requalificação do espaço e acentuado as diferenciações espaciais.

Palavras-chaves: Turismo; Espaço; Competitividade; Sustentabilidade; Pólo Costa das Dunas/RN.

¹ Apoio do MCT/CNPq

² PPGTUR/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte – E-mail: rosanamazaro@uol.com.br.

³ PPGTUR/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte – E-mail: mariapontes@cchla.ufrn.br.

Introdução

O setor turístico do estado do Rio Grande do Norte, a exemplo do que ocorre no resto do mundo, vem apresentando nas últimas décadas resultados extraordinários e sucessivos recordes no que se refere aos indicadores de fluxo de visitantes, arrecadação, emprego, renda e, mais recentemente, investimentos estrangeiros, alcançando o turismo hoje ao *status* de atividade econômica de maior contribuição ao PIB estadual e projetando o RN para a posição de segundo destino turístico do Nordeste brasileiro (EMBRATUR-FIPE, 2005).

No entanto, a observação e consideração de dados quantitativos isolados e imediatos como fatores de avaliação do desempenho competitivo dos destinos Potiguares não é suficiente para caracterizar uma situação favorável e próxima daquilo que vem sendo apontado pelos diferentes estudos e pesquisas como modelos de desenvolvimento turístico local que atendam satisfatoriamente aos determinantes competitivos e condicionantes sustentáveis em um contexto global e sob uma perspectiva estratégica.

Entendendo a dimensão e os impactos do turismo sobre o desenvolvimento das localidades do destino Potiguar como um tema de extrema relevância e de presença compulsória nas pautas dos responsáveis por seu planejamento e gestão, esta pesquisa tem como problema central determinar até que ponto as condições competitivas dos municípios do Pólo Costa das Dunas (PCDunas), correspondem aos fatores determinantes globais que caracterizam um desempenho competitivo superior e sustentável para destinos turísticos atuais e de futuro. Com relação à metodologia, a pesquisa caracteriza-se como comparativa de casos e combina técnicas quantitativas e qualitativas para levantamento e análise dos dados.

Utiliza-se como instrumento de avaliação o **Comp&tenible Model**¹, que consiste em uma proposta sistematizada dos principais atributos de avaliação das condições de competitividade e sustentabilidade de destinos turísticos e que interpreta o sistema turístico sob três dimensões de um mesmo processo: de *desenvolvimento*, de *competitividade* e de *sustentabilidade*, que juntas caracterizam uma situação geral denominada Sustentabilidade Estratégica do Destino (SED). Uma explicação detalhada da metodologia se pode encontrar em Mazaro (2006).

¹ *Coompetibilidade*

As dimensões do Modelo reúnem os principais fatores de influência sobre as condições competitivas do destino e que são considerados como determinantes de desempenho turístico superior.

Novos padrões de competitividade e de sustentabilidade para destinos turísticos

Vários estudos apontam o incrível crescimento da atividade turística mundial nos últimos anos. Conforme a OMT (2007), entre 1990 e 2006, o fluxo de turistas internacionais praticamente dobrou. Ainda que o continente europeu continue a deter uma significativa quota desse mercado, diferentes e especialmente espalhadas entre praticamente todos os continentes, surgem para brigar por parte desse quinhão, novas e diversificadas destinações turísticas e que apontam para uma nova configuração da competitividade turística internacional.

Neste contexto, compreender o significado e condicionantes de competitividade para o turismo tem merecido a atenção de pesquisadores, governantes, investidores e de todo um conjunto de agentes interessados em incentivar o setor como alternativa ao desenvolvimento sustentável para diferentes localidades. (RITCHIE E CROUCH, 1998 E 2003; VALLS, 2004).

Os parâmetros competitivos globais para destinos turísticos parecem definidos por modelos teóricos que interpretam o sistema turístico em sua dinâmica e que, dentre uma infinidade de fatores que podem influenciar o seu sucesso competitivo, alcançam cotejar um conjunto comum daqueles que se pode caracterizar como *fatores determinantes* de êxito (MAZARO e VARZIN, 2005).

Ainda, estes modelos reproduzem um novo contexto competitivo para o turismo e, mais que um elenco de fatores relacionados ao desempenho de mercado e resultados econômicos, estão orientados por uma nova ordem na compreensão da dimensão e impactos das atividades turísticas sobre outras variáveis macro-ambientais, entendidas como condicionantes do desenvolvimento integral das localidades turísticas (BOSCH ET AL., 1998; CROUCH e RICTHIE, 1999).

A competitividade dos destinos turísticos potiguares no contexto da internacionalização

Considerando as dificuldades dos países periféricos em competirem com os países centrais nos segmentos mais tradicionais da economia, pela exigência de grandes inversões em desenvolvimento tecnológico e de inovações e em qualificação de pessoal, estes redirecionam o alvo de atenção para segmentos econômicos que potencializem aquilo que já possuem como recurso inato, como a disponibilidade de extensas áreas ainda pouco alteradas pela ação do homem e que, em sua maioria, compõem paisagens paradisíacas e exóticas, condições climáticas favoráveis e abundância de mão-de-obra.

Tendo em vista que estas características conformam um cenário de oportunidades para o turismo, se observa grande interesse desses países na promoção do setor turístico, especialmente de segmentos ligados à natureza, tais como turismo verde, turismo de aventura, turismo rural, agro-turismo ecoturismo, geoturismo, dentre outros, uma vez que esta atividade constitui uma das poucas possibilidades de inserção mais ativa na economia globalizada e que, equivocadamente, não demanda de imediato grandes investimentos. Para Beni (2003, p.28) “o turismo (...) passou há pouco a ser visto como o único meio de permitir às nações mais pobres viabilizarem sua integração à economia mundial”.

O Nordeste brasileiro constitui uma das áreas prioritárias de investimentos turísticos públicos e privados em virtude de sua vasta faixa litorânea, da predominância absoluta de dias de sol durante o ano, clima tropical e da sua diversidade cultural. A existência desses fatores locais atraiu, inicialmente, a atenção de investidores nacionais e agora, em função da maior capitalização do território propiciada por políticas públicas que tem destinado recursos para a infra-estrutura básica, verifica-se a chegada de investimentos de grupos internacionais que atuam nos segmentos turístico e imobiliário.

No Rio Grande do Norte, os investimentos efetuados pela primeira etapa do Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR/RN), foram fundamentais para a inserção mais efetiva do Estado no fluxo turístico internacional e para a atração de investimentos estrangeiros. A ampliação e modernização do aeroporto e investimentos no sistema viário (estradas), marcaram o início do processo de internacionalização do turismo potiguar, uma vez que esses dois componentes vieram facilitar as conexões e interações espaciais, aspecto

fundamental para o desenvolvimento do sistema turístico, conforme demonstrado em trabalho anterior (FONSECA, 2004).

Desenvolvimento turístico do destino Pólo Costa das Dunas/RN (PCD)

Aquilo que no modelo de referencia foi definido como estado de *desenvolvimento* ou *maturidade* institucional do destino, diz respeito às políticas locais de turismo, através das quais são definidas as formas de gestão e planejamento turístico. Conforme Mazaro (2006, 160), “esta dimensão de análise compreende as condições primárias sobre as quais o turismo está organizado e estruturado no contexto local”, sendo essencial para o êxito competitivo de uma destinação.

Apesar dos esforços no sentido de interiorização do turismo potiguar, a atividade concentra-se no Pólo Costa das Dunas, localizado no litoral oriental. Dentre estes municípios encontram-se as duas principais destinações turísticas do Estado, representadas por Natal e Tibau do Sul, onde se destaca a praia de Pipa, localizada a cerca de 90km ao sul de Natal. Nesses dois municípios o turismo encontra-se consolidado, constituindo-se em uma das principais funções urbanas.

Focando a atenção para estes dois destinos do PCD, verifica-se grande deficiência nas linhas norteadoras e diretrizes gerais do turismo, no sentido de propiciar uma gestão mais integrada da atividade em uma perspectiva de médio e longo prazo, o que pode ser constatada pela escassez de instrumentos de gestão, tais como planos, programas e projetos turísticos. No atual estágio de desenvolvimento da atividade, os interesses mais imediatos do mercado são definidores do modelo turístico potiguar e as ações em turismo estão concentradas na promoção do destino.

Estes destinos, conforme sugerido pelo modelo de referencia, são caracterizados como míopes em relação ao futuro, ou seja, não tem fixado o modelo de desenvolvimento turístico a ser implementado e apenas reagem às contingências. Ainda que Natal e Tibau do Sul integrem o PCD e que este se encontre atuante de fato e de direito há mais de 10 anos e que, através do pólo estas localidades tenham recebido a maior parte dos recursos destinados ao RN pelo Prodetur/NE, os agentes não são protagonistas do turismo local, mas sim expectadores, o que

resulta em uma postura de incentivo indiscriminado ao turismo e o imediatismo nas decisões, justificadas por critérios quantitativos e invariavelmente econômicos.

De acordo com Valls (2004), estes destinos se encontram em um estado básico de organização e gestão para o turismo, concentrando a atuação em atribuições de comercialização, comunicação e promoção da marca. Os programas e ações implementadas são quase sempre originadas do governo federal e os mecanismos e programas de desenvolvimento e financiamento do turismo são oriundos de fontes externas e, certamente, insuficientes para o atendimento das carências básicas das localidades no que diz respeito tanto às questões de infra-estrutura geral e turística, quanto a qualificação para a gestão do turismo. Ainda que estes dois municípios mantenham em suas estruturas administrativas um órgão específico de gestão do turismo local sob a tutela de secretaria municipal, o setor não é benemérito de recursos orçamentários oficiais para investimentos e, muitas vezes, até para atendimento de suas inerentes necessidades gestoras.

Considerando que a destinação de recursos consiste em um dos condicionantes para o exercício de uma gestão efetiva e protagonista do turismo, a insuficiência destes tem gerado uma espécie de gestão figurativa do governo local em turismo, quando muito uma gestão coadjuvante.

Apesar das distorções ainda predominantes na condução do turismo, Natal possui condições mais satisfatórias no que se refere a esta dimensão em relação a Tibau do Sul, por ser a capital do Estado e apresentar uma estrutura organizativa significativamente diferenciada da outra destinação, está mais bem preparada para o turismo, com gestores mais capacitados, maior disponibilidade de recursos financeiros e instrumentos de gestão mais consistentes que definem as diretrizes de uso e ocupação do solo, inclusive delimitando e regulamentando as áreas de interesse turístico.

Competitividade turística do destino Pólo Costa das Dunas/RN (PCD)

A competitividade turística refere-se, de modo geral, as características da oferta turística, a forma como esse produto é colocado no mercado e a sua capacidade de retenção e satisfação da demanda. Para Mazaro (2006, 177) “se atribuem a esses fatores os padrões de eficiência que podem alcançar os processos de gestão e produção dentro do sistema turístico”.

Estão relacionados mais aos resultados colhidos pelo destino como consequência de suas decisões sobre a composição de sua oferta turística e, principalmente, a resposta que obtém da demanda.

O atributo básico de referencia avaliado nesta dimensão está relacionado aos recursos e atrativos do destino. Neste quesito, Pipa está mais bem posicionada que Natal e de acordo com o modelo de referencia utilizado na avaliação, apresenta um significativo e diferenciador conjunto de atrativos turísticos, tendo nos recursos naturais o fundamento de sua oferta e de seu posicionamento de mercado, e que, pela extraordinariedade destes recursos, reúne condições de definir e compor um conjunto de atrações com potencialidade de posicionar-se em seu segmento competitivo ao nível de seus máximos concorrentes.

Natal, por sua vez, apresenta um relevante conjunto de recursos e atrativos turísticos, combinando sol e praia com turismo urbano, onde a gastronomia e o comércio complementam a oferta de atividades diretamente turísticas. No entanto, em que pese à existência de importantes recursos naturais e históricos nos destinos analisados, estes apresentam um **restrito** conjunto de atividades, com escassos e ocasionais esforços na consolidação de um núcleo consistentes de atividades para oferta aos visitantes, que integre diversificadas experiências, de modo a explorar, no melhor dos sentidos, os atributos inatos e natos das destinações e que seja capaz de sustentar um posicionamento competitivo diferenciado.

Notadamente, o *gap* entre o que se tem de recursos e o que se é capaz de fazer com tais recursos, só pode ser vencido pela capacidade inventiva, criativa e, sobretudo, comprometida dos agentes locais com a gestão do destino. Exige grandes esforços, mas em consonância com a abordagem que orienta esta análise, é o caminho mais consistente para se alcançar posições competitivas duradouras.

O rápido crescimento da oferta hoteleira sugere um incremento também rápido do fluxo turístico, o que nem sempre é satisfatório para o êxito competitivo da destinação, uma vez que pode comprometer a qualidade do produto, especialmente quando se trata de destinações onde a natureza é o fundamento sobre o qual se assenta a atividade, como é o caso da praia de Pipa em Tibau do Sul. Já no segmento alimentação, esse município se diferencia de Natal, congregando a rusticidade ambiental com uma gastronomia diversificada e sofisticada, que se expressa pela presença de restaurantes portugueses, espanhóis, italianos, suíços, dentre outros.

No que tange a infra-estrutura turística dos dois destinos, igualmente respeitadas as respectivas proporções, se identifica substancial investimento na construção, ampliação e melhoria das condições de acesso aos destinos, fator condicionante do fluxo, considerando que acesso ao destino é feito fundamentalmente via terrestre e por meio rodoviário. Ainda que Pipa já sustente a condição de destinação independente no que diz respeito à capacidade de atração de visitantes no âmbito regional, nacional e internacional, o acesso aéreo mais próximo é Natal, que detém a condição de portão de entrada aéreo do turismo Potiguar. Desta forma, os acessos terrestres e os meios de transporte coletivo eficientes são atributos determinantes para o êxito competitivo destes destinos.

Em ocasiões de grande fluxo como no período de férias escolares e feriados prolongados, a infra-estrutura turística dá sinais de esgotamento ao registrar engarrafamentos nas ruelas de Pipa, impossibilidade de acesso a determinados pontos devido ao grande número de automóveis, estacionamentos improvisados em calçadas e espaços para pedestres, entre os principais. Natal, como metrópole não planejada do Estado, acumula os problemas antigos com os da modernidade e típicos de grandes centros urbanos como ocupação desordenada do solo, excesso de veículos, saturação de sistema de abastecimento de água, poluição e acúmulo de resíduos de toda natureza, entre tantos outros.

Como conseqüência das condições gerais de preparação para o turismo analisadas na dimensão *desenvolvimento* ou *maturidade* dos destinos, conforme sugerido pelo modelo de referência e confirmado nesta avaliação, a dimensão que analisa atributos de competitividade do destino revela a miopia antes comentada, ao contabilizar resultados mais insatisfatórios que satisfatórios em indicadores importantes para a construção de estratégias competitivas consistentes e diferenciadas.

Os dados de tempo de permanência nestes destinos e de sazonalidade do fluxo durante os diferentes períodos do ano são relativamente positivos e representam indicadores da potencialidade destes destinos em alavancar outros segmentos de mercados uma, vez que as condições geográficas e climáticas possibilitam por estratégias de diversificação, manter índices de fluxo equilibrados e ainda, explorar segmentos qualificados de demanda para o incremento do indicador referente ao nível de gastos dos visitantes e, portanto, dos benefícios gerados pelo turismo na localidade.

Face a ausência de um plano global de gestão turística do destino, como antes apontado, não se tem formalizado ou sistematizadas estratégias e ações de marketing, tampouco se tem definido um conceito-posicionamento turístico do destino. Desta forma e muito longe dos critérios norteadores do marketing responsável, os esforços de atração estão orientados para segmentos de mercado caracterizados por variáveis de comportamento baseado em modelos tradicionais (Camprubí, et al, 1998), contrariamente ao sugerido para um novo contexto competitivo, baseado na proposição de valor superior para posicionamento e foco na experiência integral dos visitantes.

Já para o quesito satisfação do visitante, as pesquisas realizadas indicam um alto grau de satisfação, que destacam os atrativos naturais e a hospitalidade da população local como atributos diferenciadores. (SETUR, 2006).

Apesar dos indicadores dessa dimensão também se apresentarem mais favoráveis para o município de Natal do ponto de vista quantitativo, Tibau do Sul, particularmente a praia da Pipa, reúne atributos que indicam oportunidades para o desenvolvimento de uma oferta turística qualitativamente diferenciada, aliando natureza exuberante com um estilo de vida peculiar aos antes vilarejos de pescadores, agora transformados em pequenos centros urbanizados que conjugam requinte, diversidade e sofisticação, porém imbuídos por uma atmosfera de despojamento e de liberdade de comportamento que projetam estas destinações como *coqueluxe* dos desejos de turistas do mundo todo.

Sustentabilidade turística do destino Pólo Costa das Dunas/RN (PCD)

Considerando que a sustentabilidade está vinculada inexoravelmente à perspectiva de longo prazo e que os impactos estão representados por fatores possíveis de se avaliar apenas ao longo do tempo, o CM estabelece uma terceira categoria de análise denominada *sustentabilidade turística*. Os atributos desta dimensão equivalem aos *outputs* do sistema turístico, revelando as alterações ou pressão que o turismo exerce sobre importantes elementos naturais e sócio-culturais na localidade, que podem ser positivos ou negativos, e que vão sugerir as condições de sustentabilidade ou não dos destinos no presente e frente ao futuro.

O foco de análise centra-se em elementos que relacionam diretamente as atividades turísticas com os recursos do meio ambiente natural e com a comunidade local, sua história e cultura, seus recursos materiais e imateriais. Neste sentido, se pode inferir que ambos os destinos aqui analisados apresentam condições muito semelhantes no que se refere aos cuidados com os recursos naturais.

Novamente respeitando as devidas proporções e características de urbanização absolutamente distintas, tanto Natal quanto Tibau do Sul revelam situações preocupantes quanto ao uso, tratamento e distribuição de água, uma acentuada dependência de fontes energéticas tradicionais e o descuido com o uso da energia elétrica, em que pese o já propagado potencial da região para a exploração de fontes alternativas de energia como a solar e eólica.

Entendendo o transporte como uma dos fatores estruturantes do turismo e de extrema relevância para o planejamento urbano na atualidade, os destinos avaliados revelam condições aquém do esperado, apresentando falhas tanto na diversificação de meios de transporte quanto na qualidade daquilo que já oferece.

Igualmente, o modelo – ou ausência dele - de turismo seguido pelos destinos aqui analisados seguem tendências contrárias àquelas recomendadas pelos pressupostos sustentáveis para os destinos turísticos. Praticamente, de todos os atributos ou indicadores observados nesta dimensão de análise e sugeridos pelo modelo de referencia, não estão sendo alvo de decisão e atuação mais contundente por parte dos agentes tendo em vista a preservação dos fundamentos sobre os quais repousa o próprio turismo, como o caso dos recursos naturais, tampouco empreendendo mecanismos de inclusão e participação social no processo de desenvolvimento turístico. Em poucas palavras, a dimensão da sustentabilidade turística se apresenta bastante frágil nas destinações consideradas nesse trabalho.

Competitividade, turismo e diferenciação espacial no Pólo Costa das Dunas

Ao discutir a relevância assumida pela categoria espacial no atual estágio do capitalismo, Harvey (1993, p. 267), observa um paradoxo que ele expressa da seguinte forma: “quanto menos importante as barreiras espaciais, tanto maior a sensibilidade do capital às variações do lugar dentro do espaço e tanto maior o incentivo para que os lugares se

diferenciem de maneira atrativa para o capital“. Para este autor, a redução das barreiras espaciais implicou uma valorização das vantagens decorrentes da localização e aumentou a sensibilidade em relação às diferenciações espaciais. As qualidades espaciais são agora mais valorizadas, uma vez que podem propiciar melhores condições de rentabilidade e competitividade às empresas.

No caso específico da atividade turística, observa-se também que o acirramento da competitividade desencadeado com a entrada de novos produtos no mercado tem levado as destinações turística a se diferenciarem entre si cada vez mais, seja através da capitalização do território (infra-estrutura e equipamentos), da valorização das especificidades locais de caráter natural ou cultural (identidade, história, cultura) ou ainda redimensionando os padrões culturais com a recriação da identidade local (FONSECA, 2004). Nesse sentido Robertson (2000), discute a relevância do turismo que busca a diferenciação do espaço local para atender segmentos específicos do mercado, observando que “o turismo internacional é um dos mais destacados espaços da produção contemporânea do local e da diferença” (p.235).

A evolução da atividade turística nas duas destinações enfocadas neste trabalho ocorreu de forma bastante distinta. Em Natal o agente responsável pelo desencadeamento do processo de turisficação foi o poder público (estadual e municipal), enquanto em Tibau do Sul foi o mercado, o que repercutiu na forma de evolução da atividade em ambos os municípios. De modo geral, o processo de gestão do turismo em Natal é mais satisfatório, ocorrendo um diálogo mais estreito entre a administração pública e os empresários do setor e apresentando instrumentos um pouco mais elaborados para nortear a expansão da atividade. Em Tibau do Sul, o mercado, desde o início, se constitui no principal agente turistificador, o que acarretou um desenvolvimento espontâneo e desordenado do turismo, agravado pela omissão do poder público municipal e pelo pouco interesse do poder público estadual em promover a atividade localmente, já que sua prioridade era o desenvolvimento do turismo na capital do estado, isto é, Natal.

Esta diferença é crucial para se compreender as características que os dois espaços turísticos assumem, sendo que em Tibau do Sul os agentes exógenos (empresários e turistas), que predominam na exploração do turismo local, são os principais responsáveis pela definição do modelo turístico, introduzindo novos elementos na cultura local (gastronomia e padrões de comportamento, por exemplo), redefinindo, portanto, a identidade do lugar e da população

local. Reforçadas pelas políticas estaduais de turismo, foram acentuando-se a diferenciação entre Natal e Tibau do Sul, cada uma delas seguindo modelos bastante distintos na conformação da oferta turística.

Finalmente, quando analisamos a dimensão da sustentabilidade turística, as duas destinações não se diferenciam muito, pois apresentam problemas bastante similares, de modo que as externalidades negativas do turismo são significativas seja no âmbito natural, social ou cultural. Na praia de Pipa a magnitude desses impactos são mais intensos, especialmente os culturais, uma vez que as verticalidades (SANTOS, 1999) incidirem localmente de forma mais agressiva pelo fato da comunidade apresentar um nível de organização ainda elementar e um baixo grau de autonomia.

Assim, nas duas destinações, o processo de gestão turística não estimula a integração e a participação do conjunto da população local, de modo que o espaço produzido para fins turístico exclui e segrega o cidadão, o que se constitui um equívoco, na medida que a ausência do residente desses espaços contribui para a insustentabilidade dos mesmos, sobretudo numa perspectiva de médio e longo prazo.

Considerações finais

A partir da análise de desempenho dos destinos turísticos a luz dos determinantes traduzidos nos atributos indicados pelo Competenible Model, se pode afirmar que as variáveis de maior motricidade -ou que causam uma maior influencia sobre o resto de variáveis consideradas na análise - são classificadas como partes da dimensão *desenvolvimento* do destino, relacionadas diretamente com a capacidade dos agentes regionais de fixarem os marcos do desenvolvimento turístico nos âmbitos de seus interesses e atribuições e que vão condicionar as demais dimensões de análise, traduzidos em atributos de competitividade e sustentabilidade turística no destino.

A evolução da atividade turística nas duas destinações ocorreu de forma bastante distinta, sendo que Natal sempre foi privilegiada pelas políticas públicas enquanto área de investimentos turísticos prioritária. No entanto, a inegável aptidão de Pipa para a atração de turistas fez voltar a atenção dos agentes regionais para o controle e coordenação desse

desenvolvimento e hoje empreende esforços no sentido de auto organizar-se para enfrentar um futuro cujos determinantes são definidos no presente.

Considerando que, no contexto atual para o turismo, é consensual a compreensão que a sustentabilidade turística, em todas suas dimensões, torna-se imprescindível para que um destino turístico seja competitivo, é no marco teórico de convergência destes temas que se justifica o empenho este trabalho em contribuir para fazer cumprir as premissas sobre as quais repousam o paradigma sustentável e orientar para desenvolvimento turístico e de sua implementação através de ações que correspondam, ao mesmo tempo, aos critérios de competitividade globalizada e às expectativas de sustentabilidade turística local.

Apesar das dificuldades apresentadas nas destinações enfocadas, o acirramento da competitividade turística entre as mesmas tem desencadeado uma requalificação do espaço e acentuado as diferenciações espaciais.

Referências Bibliográficas

- BOSCH CAMPUBRI, R. et al. **Turismo e Medio Ambiente**. Centro de Estudios Ramon Areces. Madri, 1998.
- BRENT, J.; CROUCH, G. **The Competitive Destination: A Sustainable Tourism Perspective**. CAB International Publishing, Wallingford, 2003.
- CROUCH, G. I., & RITCHIE, B. J. R. Tourism, competitiveness, and societal prosperity. **Journal of Business Research**, 44, 137–152, 1999.
- EMBRATUR/FIPE. **Estudo do mercado interno de turismo – 2001**. Brasília, [2002]. Disponível em: www.embratur.gov.br/estatistica. Acesso em maio/2003.
- FAYOS-SOLA, E. Competitividade e qualidade na nova era do turismo. **Estudios turísticos**, n. 123, p. 5-10, 1994.
- FONSECA, M. A. P. **Políticas públicas, espaço e turismo**. Uma análise sobre a incidência espacial do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte. Tese (doutorado). IG/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- _____. **Espaço, políticas de turismo e competitividade**. Natal: EDUFRN, 2005.
- _____. Tendências atuais do turismo potiguar. A internacionalização e a interiorização. In NUNES E. et al. **Dinâmica e gestão do territorio potiguar**. EDUFRN, 2007.
- GENEST, J. Y LEGG, D. **Premier-ranked Tourist Destinations: Development of a Framework for Analysis and its Self-guided Workbook**. Notario, 2003. Disponível em [wttp://www.tourism.gov.on.ca/english/research/pdf/self-guided-workbook.pdf](http://www.tourism.gov.on.ca/english/research/pdf/self-guided-workbook.pdf).
- GODFREY, K. B. Attitudes towards sustainable tourism in the UK; a view from local government. **Tourism Management**. Vol. 19, No. 3, pp.213-224, 1998.
- FAYOS-SOLA, E. La nueva política turística. **Arquitectura y turismo: planes y proyectos**, p. 59-70, 1996.
- HAESBAERT, R. Região, diversidade territorial e globalização. In: **Geographia**. Niterói: UFF, v. 1, p.15-39, 1999.

- MAZARO, R.M. Sostenibilidad Estratégica como Ventaja Competitiva para Destinos Turísticos: El Comp&tenible Model. Dialogo Internacional en Turismo, Diversidad Cultural y Desarrollo Sostenible. Barcelona, **Forum Universal de las Culturas**, julio, 2004. Disponível em: www.biospherehotels.org/comunicaciones
- MAZARO, R.M. **Competitividad de Destinos Turísticos y Sostenibilidad Estratégica**. Proposición de um modelo de evaluación de condiciones y factores determinantes. Tese (doutorado). FCEE/UB, Barcelona-Espanha, 2006.
- SÁNCHEZ, J. E. **Espacio, economía y sociedad**. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1991.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. 3 ed, São Paulo: Hucitec, 1999.
- SETUR/RN (Secretaria de Turismo do Rio Grande do Norte). **Indicadores básicos do turismo no Rio Grande do Norte – 2001/2005**. Natal: Setur, 2006.
- SETUR/RN (Secretaria Estadual do Turismo). **Indicadores básicos do turismo. Rio Grande do Norte 2001-2006**. Natal: Setur, 2007.
- SUREDA ET AL. La competitividad turística del municipio. **Estudios de Gestión Turística**. CEDIT-ESADE. N. 3, febrero, 1998.
- VALLS, J. F. **Gestión de Destinos Turísticos Sostenibles**. Barcelona: Gestión 2000, 2004.